

## O ensino de lutas corporais indígenas na Educação Física Escolar: um relato de experiência

Daiane Araujo de Sousa<sup>1</sup> 

Secretaria de Educação, Quixeramobim, CE, Brasil

1

### Resumo

Os povos indígenas carregam consigo uma riqueza de manifestações culturais próprias como o artesanato, as danças, mitos, ritos e dentre outros. Na escola a temática indígena tornou-se obrigatória a partir da Lei nº 11.645/08, mas há diversos fatores que influenciam o trabalho dos professores sobre essa temática, por exemplo, questões acerca da falta de formação inicial e continuada, fatores relacionados à família dos discentes, falta de apoio da gestão escolar, disponibilidade de tempo e acesso a materiais pelos alunos. Para tanto, o escopo deste estudo é relatar a experiência de uma professora de Educação Física em uma escola pública municipal da cidade de Quixeramobim, na região do Sertão Central no estado do Ceará. Assim, foram tecidas as dificuldades encontradas ao se abordar o conteúdo de lutas no ensino remoto em que foi aplicada a temática das lutas corporais indígenas e a experiência da professora em uma formação continuada.

**Palavras-chave:** Prática Docente. Cultura Indígena. Lutas Corporais Indígenas.

### The teaching of indigenous body fights in Physical Education at School: an experience report

### Abstract

Indigenous peoples carry with them a wealth of cultural manifestations such as handicrafts, dances, myths, rites and others. At school, the indigenous theme became mandatory after Law nº 11.645/08, but there are several factors that influence the work of teachers on this topic, for example, issues about the lack of initial and continuing education, factors related to the students' families, lack of support from school management, availability of time and access to materials by students. Therefore, the scope of this study is to report the experience of a Physical Education teacher in a municipal public school in the city of Quixeramobim, in the Sertão Central region of the state of Ceará. Thus, the difficulties encountered when addressing the content of struggles in remote education were woven, in which the theme of indigenous bodily struggles and the teacher's experience in continuing education were applied.

**Keywords:** Teaching Practice. Indigenous Culture. Indigenous Body Struggles.

## 1 Introdução

2

O artesanato, as danças, mitos, ritos, etc., são manifestações culturais que fazem parte da cultura dos povos indígenas (PEREIRA; GOMES, 2018). Entre os diversos povos indígenas brasileiros, é notável como os seus costumes e tradições revelam muito do que foi vivido por seus ancestrais e que posteriormente foram repassados entre as gerações. No entanto, esses povos são vistos, pelos não-indígenas, de forma romantizada e estereotipada, com aquela imagem que tradicionalmente é vinculada a mídia, fruto da desinformação que se arrasta ao longo dos anos (SILVA, 2002).

Na escola, de modo geral, questões relacionadas à cultura indígena são trabalhadas em seu primeiro momento associada ao “descobrimento do Brasil” em 1500, que na verdade foi uma invasão, ou a datas comemorativas, como o “Dia do Índio” (SILVA, 2002; PEREIRA; VENÂNCIO, 2021) e por muitas vezes até mesmo de forma superficial, visto a ampla possibilidade de abordagens existentes.

Desde a implantação da Lei Federal nº 11.645 de 10 de março de 2008, torna-se obrigatório o ensino das culturas afro-brasileiras e indígenas nos currículos oficiais das escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio (BRASIL, 2008). Mesmo com a obrigatoriedade da lei, o grande desafio é buscar trazer esse conteúdo para dentro da escola não somente em datas específicas como o “Dia do Índio”, mas nas várias ocasiões, como exemplo na área de Educação Física com a temática dos jogos, lutas, brincadeiras e esportes.

Dentro da disciplina de Educação Física existe uma gama de possibilidades de se trabalhar as práticas corporais indígenas. Como exemplo, Pereira (2021) relata que o modo como os povos indígenas brincam é uma forma do corpo entender as histórias que são contadas pelos mais velhos, e onde as crianças (re)vivem em sua corporeidade, a ancestralidade da história de seu próprio povo.

Para além da utilização da natureza para sua própria subsistência, as crianças indígenas as utilizam como parte de suas brincadeiras. Elas brincam nos rios, lagoas, matos, no mar, interagem com os animais e os imitam, utilizam de

objetos encontrados na natureza, como galhos, pedras, folhas, flores, pedras e tantos outros instrumentos que acabam participando de suas brincadeiras (PEREIRA, 2021; 2020; 2019).

Diante dessas reflexões, o objetivo do presente estudo é relatar a experiência de uma professora de Educação Física em uma escola pública municipal de Quixeramobim-CE e as dificuldades encontradas ao se abordar o conteúdo de lutas no ensino remoto em que foi aplicada a temática das lutas corporais indígenas.

A temática das lutas corporais indígenas é ainda bibliograficamente escassa (PEREIRA; SOUZA, 2021) e a falta de conhecimento dos professores acerca das leis nº 10.639/03 e 11.645/08 (PEREIRA *et al.*, 2019) só reafirma o quão essa temática é negligenciada, sendo pouco discutida nas instituições de ensino superior, na formação inicial e conseqüentemente, na prática docente dos atuais professores da educação básica (PEREIRA; SOUZA, 2021).

Portanto, esse relato de experiência justifica-se pela necessidade de relatar as dificuldades encontradas pela docente ao ministrar a temática das práticas corporais indígenas durante as aulas no ensino remoto em uma escola pública municipal de Quixeramobim-CE frente a não abordagem dessa temática durante a graduação e a escassez de materiais de apoio que pudessem dar um maior suporte a referida professora.

## 2 Metodologia

O presente estudo é de abordagem qualitativa, pois “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31), e do tipo narrativa autobiográfica, permitindo ao pesquisador relatar um acontecimento, um fato relevante que ocorreu em sua história de vida (SOUSA; CABRAL, 2015).

O relato apresentado foi desenvolvido com base na minha experiência no ensino do conteúdo de lutas indígenas que ocorreu no mês de maio do ano de 2021

com a turma do 6º ano do ensino fundamental através da disciplina de Educação Física de uma escola municipal de Quixeramobim-CE.

Como princípio ético deste estudo, ressalto que o nome dos alunos da escola participante do contexto no qual o relato se refere não foram identificados, sendo revelado apenas o nome da professora envolvida.

## 4

### 3 Relato de Experiência

Ao dar início a prática docente em uma escola municipal da cidade de Quixeramobim, na região do Sertão Central do estado do Ceará, encontrei dificuldades no caminhar da prática docente por estarmos no período de pandemia de Covid-19 e esbarrar com as dificuldades que as aulas remotas acentuaram, como por exemplo: famílias com apenas um celular para mais de uma pessoa, outras que usam a internet dos vizinhos por não ter condições de pagar, alunos tendo que assistir as aulas no mesmo momento em que precisam cuidar dos irmãos mais novos; entre tantos outros relatos presenciados por nós, professores da rede pública.

A pandemia do Covid-19 impactou de forma substancial o processo de ensino aprendizagem da educação mundial, trazendo grandes danos na aprendizagem dos alunos (NEVES; VALDEGIL; SABINO, 2021), se deparar com as dificuldades encontradas pelos discentes para participar de uma aula foi um tanto preocupante.

Ao dar início às aulas remotas, eu não tive nenhum encontro com os alunos antes do período pandêmico, possibilidade essa que as aulas presenciais possibilitam. Ou seja, desconhecia totalmente a realidade da comunidade escolar e o contexto da população em seu entorno.

Começar o ano letivo foi um grande desafio, pois, dar início a prática docente em um período tão atípico foi de fato muito inesperado para uma recém-licenciada em Educação Física. No entanto, a gestão escolar deu todo o apoio e orientações necessárias para que eu embarcasse nessa jornada.

Antes de mais nada, gostaria de ressaltar que os professores recebem da Secretaria de Educação do município de Quixeramobim, as expectativas de aprendizagens para o bimestre que se inicia, com os conteúdos, sugestões de vídeos e questões para se trabalhar com os alunos.

No segundo bimestre, um dos objetos de conhecimento para se trabalhar com os alunos do 6º ano do ensino fundamental foram as lutas do Brasil, com os seguintes aspectos metodológicos: lutas indígenas; o lúdico e as lutas do povo Kalapalo; experimentação e luta do toque no joelho; lutas dos jacarés; joelho valioso; luta ikindene; construção de valores; luta solidária, conteúdo esse elencado pela Secretaria de Educação do referido município.

Dentro desse planejamento é possível observar que as aulas práticas foram inclusas, no entanto, por falta de conhecimento sobre a forma de como proporcionar essas atividades e pelo pouco tempo disponibilizado com os alunos, limitando-se a apenas um encontro semanal de forma síncrona de 40 minutos a cada 15 dias. Decidi, assim, abordar apenas o conteúdo em seu aspecto conceitual e atitudinal. Em que conceitual refere-se a tudo que se deve saber sobre determinado assunto; por exemplo, os conceitos e fatos históricos que permeiam os povos indígenas. Já o conteúdo em seu aspecto atitudinal diz respeito aos valores e atitudes que se pode depreender do conteúdo abordado, a exemplo, valorizar e respeitar a cultura indígena (DARIDO, 2019).

Para complementar o conteúdo, trazer um aspecto visual soou bem interessante para o momento, em que foram exploradas imagens e vídeos disponíveis na internet para que os alunos pudessem formar uma representação mental sobre como aconteciam essas práticas de fato; já que o momento não oferecia uma aula mais rica, onde todos pudessem se encontrar e desfrutar de uma experiência prática.

Porém, aliando a essa ideia de trazer vídeos e imagens, surgiu o anseio com relação ao conteúdo das mídias a serem apresentadas aos alunos, pois as imagens encontradas para se apresentar eram apenas de indígenas mostrando algumas partes íntimas. Sabe-se que faz parte da cultura de alguns povos indígenas a utilização de poucas ou nenhuma roupa, ou ainda de pinturas e adereços para

enfeitar seus corpos, sendo uma prática comum entre eles, características essas bem diferentes daquelas utilizadas e vivenciadas pela cultura ocidental.

Cabe ressaltar que esse não é um padrão de vestimenta dos povos indígenas, como já pontuado por Silva, Oliveira e Canabarro (2009), em que no Brasil pode-se encontrar indígenas que falam somente o português, que andam de calças, blusas e sapatos, possuem uma profissão, títulos universitários, assistem jogos de futebol e novelas. Cabe ao professor também, o papel de romper os estereótipos homogêneos impostos sobre esses povos.

A partir daí surgiu o questionamento: como os pais desses alunos e a gestão da escola iriam reagir ao presenciar seus filhos tendo contato com esses materiais? Por mais que a professora visse como algo comum e normal, visto que são questões que fazem parte das culturas indígenas, outros, no entanto, poderiam não ter esse mesmo olhar. Desta forma, infelizmente, optei por procurar materiais no qual os indivíduos estivessem com o corpo mais coberto, mesmo que trouxesse um conteúdo mais pobre com relação aos outros.

Ressalta-se que na semana que não há encontro síncrono, os alunos recebem exercícios de fixação referente ao conteúdo trabalhado na semana anterior, como materiais reforçando o conteúdo já estudado, como vídeos, atividades de fixação, entre outros. Nesse momento pensei em propor atividades de construção de materiais confeccionados pelos próprios alunos, porém, me senti desestimulada ao receber reclamações de alguns pais dos discentes alegando que a escola estava passando muito conteúdo para seus filhos e que eles estavam pensando em trocá-los de escola, pois não estavam dando conta da demanda.

Inicialmente, os alunos se mostraram muito alheios ao conteúdo ali discutido, no entanto, posteriormente se apresentaram interessados pelo assunto, gerando uma boa conversa durante a aula; surgindo também muitas dúvidas sobre a questão inerentes à cultura dos povos indígenas, e dúvidas de como eram suas brincadeiras, vestimentas, se tinham acesso a tecnologia e aos supermercados, por exemplo.

O que se percebeu foi uma visão ultrapassada e estereotipada sobre o cotidiano dos indígenas, prevalecendo um olhar de uma população que usa pena e

poucas roupas, que vivem exclusivamente nas matas e florestas ou que moram apenas em ocas e etc. A questão que deixou muito a desejar foram as vivências com as práticas corporais indígenas, que por conta das aulas remotas, tornou-se inviável.

Durante a graduação, esse objeto de conhecimento não foi discutido, tão pouco era de meu conhecimento sobre as leis e a obrigatoriedade de se trabalhar com essa temática nas escolas, assim como, da possibilidade de explorar as práticas corporais indígenas na disciplina de Educação Física, questões essas que me trouxeram dificuldades no momento de ir em busca do material de apoio.

Pereira *et al.*, (2019) identificou em seu estudo o desconhecimento dos professores sobre as leis 10.639 e 11.645, onde 69,1% dos participantes alegaram desconhecer as leis, e os professores que aborda a temática (54,5%), restringem-se apenas às datas comemorativas e festivas, questão que só nos mostra como esse assunto é negligenciado, desde a formação inicial à continuada.

São vários os fatores que influenciam o trabalho do professor, em especial no que tange a temática indígena, desde questões que dependem da busca de uma formação continuada para trazer uma aula cada vez mais rica para seus alunos, como fatores relacionadas a família, gestão escolar, disponibilidade de tempo e acesso a materiais pelos discentes para a realização das atividades.

Em estudo realizado por Pereira e Souza (2021) foi constatado a escassez de bibliografias abordando a temática das lutas corporais indígenas, questão essa que dificulta o trabalho do professor de Educação Física ao querer abordar esse assunto que é exigido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Assim, em maio de 2021 vi a oportunidade de realizar um curso de formação continuada, ofertado pelo Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), exclusivamente sobre os conhecimentos das práticas corporais indígenas e voltado para professores de Educação Física, com carga horária de 160 horas e realizada totalmente de maneira online, intitulado “Educação física e relações étnico-raciais: práticas corporais indígenas”. O curso surgiu como uma possibilidade de mergulhar nesse universo dos povos indígenas, que muitas vezes ou quase sempre são negligenciados pelos professores da disciplina que leciono e

que acabam não reconhecendo tais conhecimentos como parte dos conteúdos da área de Educação Física ou simplesmente não acham relevante abordar esse conteúdo em suas aulas.

O referido curso também me deu um direcionamento muito certo sobre o caminho a seguir, com discussões e reflexões importantes sobre as possibilidades da prática docente no que tange ao objeto do conhecimento abordado. A partir dessa formação continuada, me senti mais preparada para ministrar uma aula acerca das relações étnico-raciais sobre a cultura indígena, em que há muitas possibilidades. Percebi que por falta de formação, seja ela inicial ou continuada, muitas vezes, nós professores, nos restringimos ao superficial e/ou a uma abordagem paupérrima e de cunho colonial.

Agora, para além de aulas abordando apenas os conteúdos conceituais, que agora tenho um maior embasamento teórico, vislumbro a possibilidade de trabalhar também com a construção de artefatos indígenas, os quais podem ser criados em uma oficina com os alunos, com materiais encontrados em casa ou com baixo custo, para posteriormente serem experimentados em uma atividade lúdica. Percebi também que nós professores, podemos sempre que necessitarmos, procurar orientação com outros professores com mais experiência, ou que tenham realizados experiências exitosas, ou como um aprofundamento teórico sobre o assunto como forma de agregar mais conhecimentos à prática docente.

Além disso, o curso me deu um embargo teórico ainda maior, sobre o conhecimento das lutas corporais indígenas, em que foram apresentadas várias outras lutas e as possibilidades de se trabalhar nas aulas de Educação Física.

#### 4 Considerações finais

O escopo deste texto foi relatar a experiência de uma professora de Educação Física em uma escola pública no município de Quixeramobim no estado do Ceará sobre o conteúdo de lutas corporais indígenas. Assim, foram mencionadas as dificuldades encontradas ao se abordar as lutas corporais indígenas no conteúdo



de lutas e ainda temo como percalço o ensino remoto, por conta da pandemia de Covid-19.

É perceptível a batalha que os professores diariamente vêm travando no planejamento de suas aulas, em que se deve pensar não somente sobre a qualidade do material que será trabalhado, mas se esse material vai de encontro aos preceitos das famílias ou da escola, que muitas vezes se dizem tradicionais, e não enxergam um material com fins educativos de forma mais crítica. Mas no caso da temática indígena, por exemplo, podem interpretar com um cunho meramente sexual e que é impróprio para a sala de aula.

Outra questão que os professores devem refletir é sobre a sua qualificação profissional na área de Educação Física acerca dos conteúdos indígenas, visto que tal temática é obrigatória de acordo com a Lei nº 11.645 de 2008; pois muitas vezes por falta de conhecimento e por não procurar se aprofundar ou até mesmo conhecer minimamente sobre este assunto, negam a aprendizagem, que é processo constante na educação, para si mesmo e para os discentes, ou ainda repassam de forma mítica e folclorizada tais conhecimentos.

Tal relato foi desenvolvido para mostrar a dura realidade que não somente eu, mas muitos outros professores passam durante suas aulas, a dificuldade encontrada de ministrar determinado conteúdo, seja pela falta de formação inicial ou continuada, falta de materiais etc.

Enseja-se que esse relato encoraje os diversos professores que se encontram na mesma situação ou em situações similares, a irem em busca de qualificação profissional e sejam assim professores subversivos por não se conformarem em ministrar os conteúdos com viés de cunho colonial.

## Referências

BRASIL. **Lei 11.645 de 10 de março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em: 18 jun. 2021.

DARIDO, Suraya Cristina. Os conteúdos da educação física na escola. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação física na Escola**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019. p. 1-292.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Método de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p.

NEVES, V. N. S.; VALDEGIL, D. de A.; SABINO, R. do N. Ensino remoto emergencial durante a pandemia de COVID-19 no Brasil: estado da arte. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. e325271, 2021. DOI: 10.47149/pemo.v3i2.5271. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/5271>. Acesso em: 31 jul. 2021.

PEREIRA, A. S. M. **Aninhá Vaguretê**: reflexões simbólicas para a Educação Física no ritual do Torém dos índios Tremembé. Dissertação (Mestrado) -Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciência da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Natal, 2019.

PEREIRA, A. S. M. P. **Aninhá Vaguretê**: corpo e simbologia no ritual do Torém dos índios Tremembé. 1. ed. Curitiba, PR: Appris, 2020.

PEREIRA, A. S. M.; GOMES, D. P. Dança encantada e de resistência: (trans) significações corporais no Torém dos índios Tremembé. **Corpoconsciência**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 120-129, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/5716>. Acesso em: 3 dez. 2021.

PEREIRA, A. S. M.; GOMES, D. P.; CARMO, K. T.; SILVA, E. V. M. Aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08 nas aulas de Educação Física: diagnóstico da rede municipal de Fortaleza/CE. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 41, n. 4, 412-418, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.06.004>. Acesso em: 10 jul. 2021.

PEREIRA, A. S. M.; SOUZA, S. T. B. de. Lutas corporais indígenas: um estudo com professores de Educação Física do município de Fortaleza-CE. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 25, n. 3, p. 34-48, set./ dez., 2021.

PEREIRA, A. S. M.; VENÂNCIO, L. African and Indigenous games and activities: a pilot study on their legitimacy and complexity in Brazilian physical education teaching. **Sport, Education and Society**, online, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13573322.2021.19022998>. Acesso em: 10 jul. 2021.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes. **Práticas corporais indígenas**: jogos, brincadeiras e lutas para implementação da Lei 11.645/08 na Educação Física escolar. Fortaleza: Aliás, 2021.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; SOUZA, Symon Tiago Brandão de. Lutas corporais indígenas: o estado do conhecimento. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades** - Rev. Pemo, Fortaleza, v. 3, n. 3, e335779, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/5779>. Acesso em: 12 jul. 2021.

SILVA, Edson. Povos indígenas e ensino de história: subsídios para a abordagem da temática indígena em sala de aula. **História & Ensino**, v. 8, p. 45-61, Londrina 2002. Disponível em: [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/847237/mod\\_resource/content/1/SILVA%2C%20Edson.%20Povos%20ind%20C%20ADgenas%20e%20ensino%20de%20hist%20C%20B3ria%20subs%20C%20ADdios%20para%20a%20abordagem%20da%20tem%20C%20A1tica%20ind%20C%20ADgena%20em%20sala%20de%20aulapdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/847237/mod_resource/content/1/SILVA%2C%20Edson.%20Povos%20ind%20C%20ADgenas%20e%20ensino%20de%20hist%20C%20B3ria%20subs%20C%20ADdios%20para%20a%20abordagem%20da%20tem%20C%20A1tica%20ind%20C%20ADgena%20em%20sala%20de%20aulapdf). Acesso em: 10 jul. 2021.

SILVA, Maria de Fátima Santos de; OLIVEIRA, Caroline Terra de; CANABARRO, Cauê Lima. O Índio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: para além do cocar, do andar nu e da oca. **Ágora**, v. 15, n. 2, p. 80-90, 2009. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/1847/1290>. Acesso em: 22 jun. 2021.

SOUZA; Maria Goreti da Silva; CABRAL; Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015. Disponível: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149/102>. Acesso em: 14 jul. 2021.

---

<sup>i</sup> **Daiane Araujo de Sousa**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5895-8137>

Secretaria de Educação, Quixeramobim, CE, Brasil

Licenciada em Educação Física pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) campus Canindé. Especialista em Educação Física Escolar pela Faculdade dos Vales Elvira Dayrell. Membro do Núcleo de Investigação em Avaliação Educacional (NiAVe).

Contribuição de autoria: Realizou a escrita integral do artigo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3090626820959553>

E-mail: [daianeuece@gmail.com](mailto:daianeuece@gmail.com)

**Editora responsável:** Karla Colares Vasconcelos

### Como citar este artigo (ABNT):

SOUZA, Daiane Araujo de. O ensino de lutas corporais indígenas na Educação Física Escolar: um relato de experiência. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-11, 2021.